

ATOS DOS APÓSTOLOS

(27º ESTUDO)

DECISÕES

ECLESIÁSTICAS

Atos 15.1-41

REV. SILAS MATOS PINTO

DECISÕES ECLESIÁSTICAS

Atos 15.1-41

“*Eu acho...!*” Como definir o que é certo ou errado para um determinado grupo de pessoas quando pessoas de variados níveis sociais, de credos diferentes, de graus de instrução variados dão a sua opinião e baseiam suas respostas em si mesmas, nas suas vivências, nos costumes e nas suas tradições? Se cada um tira o certo e errado de si mesmo, então, não haverá uma verdade, mas verdades individuais. É o que muitos defendem, pois buscar as respostas em si mesmos.

Essa foi a grande questão filosófica apresentada por Pilatos, quando Jesus lhe disse que veio testemunhar sobre a verdade: “*Então, lhe disse Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz. Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade?*” (Jo 18.37,38). Pilatos não era da verdade, e, por isso, estando diante da Verdade, não a reconheceu.

Jesus já tinha dito: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao pai senão por mim*” (Jo 14.6). Jesus é a verdade da criação, pois é o Criador. A história da raça humana tem sua resposta em Jesus Cristo. Tudo é dEle e foi feito para Ele.

João, no capítulo primeiro, diz: “*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no*

princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1.1-4).

João começa o seu evangelho a partir de Jesus Cristo. Todas as argumentações que não partem da base correta se inutilizarão no decurso do tempo. Mas, tendo como base a verdadeira origem da humanidade, as respostas serão certas e seguras.

Meu irmão, o capítulo 15 de Atos dos Apóstolos traz uma confusão vivenciada pelos cristãos do início da igreja. O modo de pensar, com base nas suas tradições, por parte dos judeus convertidos, ou na nova fé, abraçada pelos gentios, criou uma controvérsia muito grande que necessitou da intervenção da liderança da igreja.

Antes de entrarmos no estudo do texto quero chamar tua atenção para o fato de *“presbíteros e apóstolos”* serem os responsáveis pelas decisões relativas à doutrina na igreja. Deus estava criando uma liderança renovável, não baseada apenas nos apóstolos, pois estes fatalmente morreriam, pois foram chamados apenas doze homens para esse cargo. Com a eleição de presbíteros esses escolhidos se uniram aos apóstolos com a mesma autoridade deles, pois Cristo continua, até hoje, escolhendo sua liderança através da igreja. Juntos decidiram qual era o melhor caminho a ser tomado naquela situação.

Hoje trataremos sobre:

COMO TOMAR DECISÕES NOS ASSUNTOS RELATIVOS À IGREJA

Em 1º lugar veremos que **DECISÕES ECLESIASTICAS SÓ PODEM SER TOMADAS POR PESSOAS AUTORIZADAS** -

“Alguns indivíduos que desceram da Judeia ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos” (v.1). *“Visto sabermos que alguns que saíram de entre nós, sem nenhuma autorização, vos têm perturbado com palavras, transtornando a vossa alma”* (v.24).

É muito comum haver discussões entre membros da igreja. Alguns pensam que devem fazer as coisas de um jeito, o outro pensa noutra forma de fazer, aí, então, surge uma controvérsia. Cada um acha que pode decidir e fazer a sua opinião se tornar lei. Aí entra a questão: Quem deve decidir?

Nossa argumentação afirma que decisões eclesiásticas só podem ser tomadas por pessoas autorizadas. Se os crentes não podem decidir por si e nem pela igreja, quem deve decidir? A resposta é simples e foi dada no início da igreja.

Se a questão é física e se diz respeito a coisas materiais a decisão deve ficar por conta dos diáconos. Você se lembra a razão da escolha de diáconos? Houve uma contenda na distribuição de alimentos e, para que os apóstolos não tivessem seu tempo tomado por decidir sobre coisas dessa natureza,

então, elegeram diáconos. Diáconos é que lidam com questões de assistência social, sobre os móveis da igreja e devem visitar membros para ver se há alguma necessidade física a ser suprida.

Se a questão é espiritual, então, a decisão caberá aos presbíteros. Há dois tipos de presbíteros: Regentes e Docentes.

Regentes são os presbíteros que decidem sobre a igreja nos seus variados aspectos, seja financeiro ou espiritual. São responsáveis pela saúde espiritual da igreja e atuam como tribunal em caso de pecados cometidos por membros. Atuam junto com o pastor para o bom andamento da igreja.

Docentes são os presbíteros que cuidam do ensino. Ocupam esse cargo os pastores. Os pastores têm funções que são privativas: Decidir sobre liturgia da igreja, pregar e ser responsável pelo ensino, respondendo por quem é convidado a pregar, ministrar a Santa Ceia, batizar os membros e impetrar a bênção apostólica. Essas questões são privativas dos pastores.

Como uma pessoa se torna autoridade na igreja? Sendo escolhida por ela. O pastor é escolhido pelo Conselho ou por uma assembleia para pastorear por tempo determinado. Um ano, se convidado pelo Conselho, e até cinco anos, se eleito por uma Assembleia. Presbíteros regentes e diáconos são oficiais eleitos por um prazo de cinco anos.

Se a pessoa não tiver a confiança da igreja para ser escolhida e eleita para um cargo ela nunca fará parte da

liderança da igreja. Somente se tornará líder na igreja se for escolhido por ela. A autoridade é dada pela igreja à pessoa a quem ela confia. É por isso que ninguém, que não tenha sido escolhido, poderá arrogar-se a impor sua opinião sobre a igreja.

Se uma pessoa nunca foi escolhida para ser oficial da igreja ela nunca decidirá nada? A Igreja Presbiteriana divide decisões com os membros no caso de escolha de pastor, eleição de oficiais e na compra e venda de imóveis. Pode haver outras escolhas nas quais o Conselho optará por deixar a igreja decidir, quando a questão diz respeito ao bem-estar da própria igreja.

É sempre problema quando um membro quer tomar decisões sem ser um oficial eleito. Situações dessa natureza são geradoras de problemas e confusões. Foi isto que aconteceu entre os membros da igreja na situação descrita neste capítulo.

Para se ter uma ideia melhor do caso do texto é bom ler a carta enviada por Paulo aos Gálatas (1.6-9), pois pessoas não autorizadas estavam visitando igrejas e ensinando doutrinas falsas. Ensinavam que para ser salvo a pessoa tinha de ser circuncidada e cumprir rituais judaicos. Paulo os advertiu sobre os perigos desse falso evangelho, pois ninguém, nem anjos do céu, poderiam mudar o evangelho pregado por Jesus Cristo.

Paulo pregou o evangelho da graça, no qual Jesus Cristo deu sua vida para salvar pecadores. Ele pagou o preço da nossa salvação, cumpriu toda a exigência divina e nos garantiu nossa

entrada no céu, e tudo isso sem que tivéssemos que pagar nada – de graça!

Ao exigir a circuncisão para ser salvo os fariseus convertidos estavam exigindo que a lei, que eles nunca cumpriram, fosse cumprida pelos gentios convertidos. Nesse caso não dependeriam de Cristo para serem salvos, mas dos seus próprios atos. A graça estava sendo anulada, como Paulo ensina em Gálatas 5.4 – *“De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes”*.

Em Gálatas 2.15,16 e 21, Paulo diz: *“Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus... por obras da lei ninguém será justificado. Se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão”*.

Esses homens estavam ensinando doutrina falsa sem a autorização da igreja. Se fizeram líderes a bel prazer, como muitos querem se fazer líderes sem serem escolhidos por ela. O resultado, como sempre acontece nesses casos, é confusão. Foi o que aconteceu, veja: *“Tendo havido, da parte de Paulo e Barnabé, contenda e não pequena discussão com eles”*.

Alegria do salvo é ver mais salvos. A tristeza dos ímpios é ver a igreja crescer. Houve alegria na igreja, entre os crentes, quando souberam da conversão de muitos gentios, veja: *“Enviados, pois, e até certo ponto acompanhados pela igreja, atravessaram as províncias da Fenícia e Samaria e, narrando a*

conversão dos gentios, causaram grande alegria a todos os irmãos”.

Adversários do evangelho existem em qualquer lugar. Onde estavam, Paulo e Barnabé enfrentaram opositores do evangelho. Ao chegarem em Jerusalém, dentro da igreja, lá estavam eles também: *“Insurgiram-se, entretanto, alguns da seita dos fariseus que haviam crido, dizendo: É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés”* (v.5). A exigência era a mesma: *“Devem cumprir a lei, caso contrário, não serão salvos”*.

Reafirmamos que ninguém pode tomar a autoridade para si. Se uma pessoa não foi escolhida pela igreja ela não terá autoridade para decidir nada. Caso ainda assim continue a brigar para impor suas ideias, o resultado será confusão e prejuízos para a igreja da qual faz parte. Se não foi escolhido, que se cale!

Em 2º lugar veremos que **DECISÕES ECLESIASTICAS SÓ PODEM SER TOMADAS COM BASE BÍBLICA** - *“Então, se reuniram os apóstolos e os presbíteros para examinar a questão. Havendo grande debate, Pedro tomou a palavra... E toda a multidão silenciou, passando a ouvir a Barnabé e a Paulo... depois falou Tiago...”*.

As experiências pessoais são marcantes, porém elas não podem definir doutrinas de modo comunitário, pois o que acontece com um crente, necessariamente, não acontecerá a

outro. As experiências são usadas apenas como confirmações das promessas bíblicas. Discussões teológicas nunca poderão se basear no que um ou o outro viveu, mas no que Deus afirmou por boca dos seus servos e foi registrado na Bíblia.

Todas as decisões do Conselho, ou de qualquer dos Concílios da igreja, são tomadas depois de um período de oração, na qual se busca a orientação divina, e tendo como base o ensino bíblico.

Diante da exigência feita aos novos convertidos houve o primeiro Concílio da igreja. Reuniram-se os apóstolos, que foram escolhidos por Jesus, e os presbíteros, eleitos pela igreja. Tendo uma questão importante a ser decidida as autoridades precisavam tomar uma decisão, que teria de ser bíblica.

Para se resolver a questão houve um grande debate. Todos queriam expor a sua opinião. Lembra-te que doutrina não se faz com opinião pessoal, que é importante, porém não é decisiva. Quem define questões da igreja é o Senhor dela.

O primeiro a falar foi Pedro. Ele lembrou ao público que Deus o chamou para pregar a gentios, no caso de Cornélio, que era um centurião romano. Lembrou-os de que tanto Cornélio e sua família, como os samaritanos receberam o Espírito Santo, sendo gentios, do mesmo modo como os judeus O receberam. Deus não fizera nenhuma distinção entre circuncisos ou incircuncisos para que recebessem o Espírito Santo.

A fé, que é um dom de Deus (Ef 2.9), foi dada liberalmente aos gentios através da qual seus corações foram purificados (v.9). Pedro ainda lembra aos presentes que todos os homens foram salvos pela graça do Senhor Jesus, como todos os judeus, assim também como aconteceu com os crentes gentios (v.11).

Sua posição não foi apenas pessoal. Esse é o ensino bíblico. As palavras de Jesus foram usadas por Pedro para firmar seu conceito e para dar a sua opinião. A opinião de Pedro é que foi validada pela Palavra de Deus. A Palavra é superior à opinião.

Logo após o discurso de Pedro a palavra foi dada a Paulo e Barnabé. Eles mostraram como a palavra de Deus se cumpriu no meio dos gentios, como descrito em Joel 2.28-32. Servos e servas, senhores e senhoras, homens e mulheres invocaram o nome do Senhor e foram salvos. O relato da conversão de gentios os lembrou o que foi dito a Abraão: *“Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra”*.

As Escrituras foram cumpridas e as autoridades a usaram para tomar a sua decisão. Não importava sua opinião ou sua experiência, mas o que as Escrituras determinam.

Nesse mesmo intuito, tomou a palavra Tiago. Ele era irmão de Jesus, filho de José e Maria. Ele e seus irmãos se converteram após a ressurreição de Jesus e se tornou líder da igreja de Jerusalém. Foi ele quem escreveu a carta de Tiago e seu irmão escreveu a carta de Judas.

Tiago era um judeu ortodoxo. Ligado aos princípios judaicos, à lei e aos rituais. Quando esteve em Antioquia até mesmo Pedro teve de ser chamado à atenção por Paulo porque antes da chegada de Tiago ele esteve sentado entre gentios e comia com eles, e quando Tiago chegou, se apartou deles.

Tiago tinha o respeito dos crentes judeus, tanto é que sua palavra foi aceita sem maiores questionamentos. No entanto, sua opinião não foi dada sem a base bíblica. Ele afirma qual seria a sua opinião: *“pelo que julgo eu...”*. No entanto, para mostrar que aquela era a vontade de Deus ele se baseou nos profetas bíblicos: *“Conferem com isto as palavras dos profetas”*.

Tendo a Bíblia como base, e entenda que eles tinham apenas a Torá, o Antigo Testamento, a igreja concluiu que judeus e gentios são todos pecadores diante de Deus e que só são salvos pela fé em Cristo. Que há somente uma necessidade e somente um evangelho para suprir essa necessidade (Gl 1.6-12) e que Deus tem somente um plano: chamar um povo para Si.

Em 3º lugar veremos que **DECISÕES ECLESIASTICAS DEVEM SER TOMADOS VISANDO SEMPRE O BEM DA IGREJA** - *“Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se converteram a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, bem como das relações sexuais ilícitas, da carne de animais sufocados e do sangue”*.

Antes de mais nada, entenda que o bem da igreja não é fazer a vontade da igreja. A liderança, às vezes, é obrigada a tomar decisões que contrariam a vontade da igreja. Apenas para lembrar que no estudo passado vimos que a liderança de Antioquia pegou os dois melhores pastores e os mandou para evangelizar outros campos, deixando a igreja desguarnecida.

É como quando Paulo diz que *“Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”*. Ele não disse que todas as coisas ocorrerão do modo como quem ama a Deus deseja. Não disse que tudo ocorrerá como numa maré mansa. Disse que até mesmo as tempestades e as piores situações trarão o bem de Deus para aqueles que o amam.

Estamos tratando sobre as decisões eclesiais e nenhuma decisão da igreja deve ser tomada para o seu mal. Temos visto muitos líderes, ou donos de igrejas, que pregam o que não está na Bíblia com o intuito de, como lobos, enganando aqueles que confiam neles, os oprimir e saqueá-los.

Deveria haver nessas igrejas alguém para gritar a favor dos que estão sendo enganados, mas não há. Estão todos no mesmo barco. Os enganados estão lá porque desejam estar e quem os engana estão felizes por terem o público que desejam.

Toda esta questão, desde o início, com a discussão de Paulo e Barnabé com os professores da falsa doutrina, o objetivo sempre foi o bem da igreja. Paulo defendia o evangelho. Se um

evangelho falso fosse pregado e aceito por eles, eles não teriam como serem salvos. Quando Pedro tomou a palavra e a conferiu com o ensino bíblico ele revelou que o melhor para a igreja seria receber os irmãos gentios, pois esta sempre foi a vontade de Deus. O mesmo foi desejado por Tiago: *“Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se converteram a Deus”*.

A decisão do Concílio reunido em Jerusalém visou o bem dos crentes espalhados pelo mundo à fora. Gentios de todos os lugares e provindos de vários povos sentiriam paz e alegria com aquela decisão.

Nenhum Conselho pode se reunir para decidir pelo bem de um pastor ou de qualquer dos seus integrantes ou parentes destes se essa decisão fizer mal à igreja. As decisões, doam a quem doer, devem ser tomados de modo que a igreja seja tratada e purificada, pois a santificação da igreja deve ser o alvo de todos os que foram escolhidos por Deus para cuidar dela.

Levando em consideração que haviam templos pagãos espalhados por todas as cidades e que o comércio e a vida pagã girava em torno desses templos e que as práticas nesses lugares eram prejudiciais, a decisão foi que os convertidos gentios *“se abstenham das contaminações dos ídolos”*.

Os crentes precisavam saber que a decisão não era contra eles, mas para o seu bem. Em Jonas 2.8, diz: *“Os que se*

entregam à idolatria vã abandonam aquele que lhe é misericordioso”. Qualquer ligação de crentes com ídolos seria um suicídio religioso, pois os afastariam de Deus.

Os convertidos gentios também deveriam se abster *“das relações sexuais ilícitas”*. Sexo, poder e dinheiro são inimigos naturais do homem que deseja servir a Deus. Na época que esta decisão foi tomada era comum haver festas da produtividade em que jovens mantiam relações sexuais em público como forma de adoração a seus deuses. Deusas do sexo eram adoradas com relações comunitárias e haviam jovens sacerdotisas que mantiam relações sexuais com vários homens como forma de adoração.

Observem que a decisão do Concílio os alertava para uma vida sexual santa. A Bíblia ensina que o homem deve deixar pai e mãe e se unir a sua mulher e os dois se tornarão uma só carne. O que Deus une somente Deus pode separar e que o adultério é tido por Deus como um crime hediondo (Jó 31.11). Relações entre pessoas do mesmo sexo é impureza e detestável a Deus.

A recomendação do Concílio foi que deveriam se abster de qualquer forma de relação sexual ilícita. Deveriam santificar sua vida por inteiro, seu culto, sua alimentação, sua diversão e sua vida sexual não ficaria fora do controle divino. Assim como todas as áreas da sua vida. Qualquer forma de relação sexual que não tenha como participante o homem e sua esposa é impura e inaceitável para a vida de um crente.

A outra decisão foi que se abstivessem *“da carne de animais sufocados e do sangue”*. Desde o início Deus determinara que o sangue deveria ser derramado na terra (Gn 9.4), e isso antes da lei. Vários são os textos bíblicos que proíbem o consumo de sangue de animais. Os novos crentes deveriam se adequar à vontade de Deus e obedecê-la.

Também era comum que houvesse momentos de compartilhamento de refeições entre os crentes primitivos. Se os cristãos gentios comessem alimentos que os judeus consideravam impuros isso causaria divisão na igreja. Paulo trata desse problema claramente em Romanos 14 e 15. Para o bem da igreja os crentes gentios deveriam se abster destas coisas.

Tiago aconselhou a igreja a escrever aos cristãos gentios e a compartilhar as decisões da Assembleia. Essa carta pedia obediência a duas ordens e uma disposição de concordar com duas concessões. As duas ordens eram que os cristãos se afastassem de toda e qualquer idolatria e imoralidade, pecados predominantes no meio dos gentios (1 Co 8-10) e que se abstivessem de coisas que atrapalharia a comunhão com Deus e com a igreja.

Um crente atual poderia dizer: Então é só isso que é exigido para ser um crente? Isso não foi exigido dos crentes para serem salvos, mas para que tivessem e mantivessem comunhão

com Deus e com a igreja. O texto se encerra dizendo: *“Destas coisas fareis bem se vos guardares”*.

A decisão do Concílio não foi uma nova lei imposta sobre eles, pois somos salvos pela graça, mas há coisas que o crente deve evitar, mesmo não sendo proibido, para que sua comunhão com Deus e com a igreja seja mantida da melhor forma possível.

O Concílio estaria anulando a Lei e os ensinamentos de Moisés? De forma alguma, pelo contrário, estava confirmando, pois, o Antigo Testamento fora a base das suas argumentações para receberem os gentios como irmãos. O que estavam fazendo foi corrigir as interpretações erradas do texto sagrado que fora desvirtuado pelos judeus no decorrer da sua história.

Tiago afirmou que *“Moisés tem, em cada cidade, desde tempos antigos, os que o pregam nas sinagogas, onde é lido todos os sábados”*. Os ensinamentos sagrados poderiam ser conhecidos pelos crentes gentios, espalhados pelo mundo à fora, nas sinagogas dos judeus, onde Paulo pregou várias vezes e onde muitos judeus e gentios se converteram. Não havia contradição no estudo da Bíblia, pois a Bíblia é única para judeus e para os crentes. O que deveriam fazer é conhecê-la nas sinagogas, até que houvessem igrejas para lá receberem o ensino sagrado de acordo com a Igreja do Senhor Jesus Cristo.

Reafirmamos que as decisões eclesiais devem ser tomadas visando sempre o bem da igreja.

Em 4º lugar veremos que **DECISÕES ECLESIASTICAS DEVEM SER COMUNICADAS À IGREJA** - *“Então, pareceu bem aos apóstolos e aos presbíteros, com toda a igreja, tendo elegido homens dentre eles, enviá-los, juntamente com Paulo e Barnabé, a Antioquia: Foram Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens notáveis entre os irmãos, escrevendo, por mãos deles: Os irmãos, tanto os apóstolos como os presbíteros, aos irmãos de entre os gentios em Antioquia, Síria e Cilícia, saudações. Visto sabermos que alguns que saíram de entre nós, sem nenhuma autorização, vos têm perturbado com palavras, transtornando a vossa alma, pareceu-nos bem, chegados a pleno acordo, eleger alguns homens e enviá-los a vós outros com os nossos amados Barnabé e Paulo, homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais pessoalmente vos dirão também estas coisas. Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas essenciais: Que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas; destas coisas fareis bem se vos guardardes. Saúde”.*

Há pouco tempo o presidente da Câmara dos Deputados afirmou que a Câmara não tinha obrigação de referendar a vontade da população. Isso é um erro, pois os deputados foram escolhidos para representar e fazer valer a vontade do povo.

Muitas decisões são tomadas na calada da noite e mantida em segredo, pois visam o bem dos votados e não dos que votaram neles.

As autoridades da igreja não podem decidir nada ocultamente. Todas as decisões devem ser bíblicas, visar o bem da igreja e serem publicadas para que a igreja tome conhecimento do que está sendo decidido por aqueles que foram escolhidos para decidirem por ela.

Os escolhidos pela igreja não representam a igreja para fazer valer a sua vontade, como na política, pois a vontade a ser obedecida é a vontade de Deus, porém há casos em que os presbíteros devem conhecer qual é a vontade da igreja para decidir com base nela, como no caso de permanência de pastor, pois as vezes a igreja quer a permanência do pastor e o Conselho decide por sua saída. Ou a igreja não suporta mais o pastor, e o Conselho decide por sua permanência. Nesse caso, e em outros parecidos, os presbíteros devem conhecer qual é a vontade dela.

Veja que o Concílio de Jerusalém, após decidir sobre a questão, resolveu escrever cartas às igrejas formada por maioria de gentios convertidos e dar-lhes explicações das suas decisões. Além de Paulo e Barnabé, foram enviados também Judas e Silas. A princípio me perguntei a necessidade de Judas e Silas, pois me pareceu uma desconfiança com Paulo e Barnabé, mas os dois

missionários fizeram parte da questão levantada e seria necessário que pessoas neutras fossem portadoras das decisões para mostrar a lisura e a seriedade das decisões tomadas.

O que foi decidido foi publicado para conhecimento de todos e as decisões eclesiais, tendo base bíblica, provocou alegria na igreja, veja: *“Os que foram enviados desceram logo para Antioquia e, tendo reunido a comunidade, entregaram a epístola. Quando a leram, sobremaneira se alegraram pelo conforto recebido”.*

Perceba o contraste da decisão tomada por homens sem autoridade, que causou contendas, e as decisões bíblicas tomadas por autoridades consagradas, causando a alegria da igreja. Deus é o maior interessado na paz e harmonia da igreja, por isso todas as decisões devem ser tomadas com base bíblica.

Em 5º lugar veremos que **OS ESCOLHIDOS PARA LIDERAR NÃO SÃO INERRANTES** - *“Judas e Silas, que eram também profetas, consolaram os irmãos com muitos conselhos e os fortaleceram. Tendo-se demorado ali por algum tempo, os irmãos os deixaram voltar em paz aos que os enviaram. Mas pareceu bem a Silas permanecer ali. Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, ensinando e pregando, com muitos outros, a palavra do Senhor. Alguns dias depois, disse Paulo a Barnabé: Voltemos, agora, para visitar os irmãos por todas as cidades nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver*

como passam. E Barnabé queria levar também a João, chamado Marcos. Mas Paulo não achava justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho. Houve entre eles tal desavença, que vieram a separar-se. Então, Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre. Mas Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas”.

Seria bom se o texto parasse no verso 35, pois tudo parecia bem e em harmonia. No entanto, no verso 36 a seguir, vemos sobre uma controvérsia entre os dois homens que foram ricamente usados por Deus na sua obra. Lembrem-se que João Marcos, primo de Barnabé, tinha acompanhado os dois missionários numa viagem e no meio dela ele, sem aviso ou se preocupando com os companheiros, abandonou tudo e voltou para Jerusalém.

Depois de voltar para Antioquia com a carta resposta do Concílio e ver a igreja crescer Paulo propôs a Barnabé que viajassem até às igrejas que surgiram na sua primeira viagem. A proposta foi prontamente aceita por Barnabé, mas houve uma discussão. Paulo não aceitou que João Marcos os acompanhasse na viagem, creio que que ele tenha promovido algum problema na primeira viagem que o levou a abandonar a missão.

Como primo de João Marcos Barnabé exigiu a sua ida. Paulo não aceitou a sua presença. A dupla Paulo / Barnabé se desfez e o reino de Deus é que sofreu prejuízos. Homens de Deus também tomam decisões erradas, com base nas suas iras, orgulhos, rancores... São falhos e devem, constantemente, fazer uma autoanálise para corrigir as atitudes erradas.

Sou pastor e estou no 17º ano do meu pastorado. Não tenho dúvidas de que nesse período eu acertei muito. Tenho sido muito zeloso no meu trabalho e tenho me preocupado em dar á igreja o melhor alimento espiritual e decidir pelo bem da igreja. No entanto sou humano. Sou falho. E tendo como base do meu trabalho a fala e não tendo o controlo dos ouvidos que me escutam, posso ter ferido alguém com palavras, gestos e atitudes. Me desculpo com a igreja se, na tentativa de acertar, eu erre. Nem toda flecha atirada acerta o alvo, e nem toda atitude consegue concretizar os planos iniciais.

Quero que a igreja saiba que o pastor não é perfeito, apesar de desejar ser. Gostaria da compreensão da igreja quando errar, pois, assim como o pastor tem de entender a imperfeição dos membros, os membros devem entender a imperfeição do pastor para que, corrigindo os erros de ambos os lados, possamos caminhar na carreira cristã rumo ao alvo: Cristo.

Paulo e Barnabé, tendo pregado sobre o fruto do Espírito Santo, deveriam ter agido de modo diferente. Ambos foram

intransigentes. Barnabé defendeu o primo falho, não tratando do problema provocado por ele. Paulo foi duro, não dando espaço para o perdão.

Quem estava certo? Na verdade, não faz muita diferença. Paulo mostrou o seu zelo na obra. Barnabé a sua misericórdia e a vontade de dar uma segunda oportunidade. Talvez ambos estivessem certos em alguns aspectos e errados em outros. Sabemos que, no final, João Marcos teve o ministério restaurado e recebeu o amor e apreciação de Paulo (Cl 4.10; 2ª Tm 4.11). De João Marcos temos na Bíblia o evangelho segundo Marcos.

Mesmo quem é bom e piedoso às vezes discorda de outros na igreja. Esse é um dos fatos tristes da vida que devemos aceitar. Paulo olhava para as pessoas e perguntava: *“O que elas podem fazer pela obra do Senhor?”* Enquanto Barnabé olhava para as pessoas e perguntava: *“O que a obra do Senhor pode fazer por elas?”* As duas perguntas são importantes para o trabalho de Deus, e, por vezes, é difícil manter o equilíbrio.

Barnabé seguiu viagem com João Marcos e Paulo, com Silas. Deus os abençoou no seu trabalho, pois Deus é longânimo e o sucesso do que fazemos não está na nossa perfeição, mas na misericórdia divina e no seu cuidado com Sua obra. Deus construiu Sua igreja sobre a base: Cristo, porém usando homens falhos como eu e você, como Paulo e Barnabé. A Igreja é do Senhor e o futuro dela depende de Deus e não de nós.

A igreja não deve se frustrar quando enfrentar erros das suas autoridades. Erros têm sido cometidos desde o início da igreja. No decorrer da história da igreja líderes acertaram e erraram. A igreja permanece. A firmeza dos membros não pode se basear nos homens que os lideram, mas no Deus que controla os homens. A igreja não pertence aos homens, mas a Deus e Ele é quem deve ser levado em conta nessas horas difíceis.

Se Deus dependesse de pessoas perfeitas para realizar sua obra jamais conseguiria fazer coisa alguma. Nossas limitações e imperfeições são bons motivos para dependermos da graça de Deus, pois nossa suficiência vem somente dele (2ª Co 3.5). Afinal, esse é o tema desse texto: Não é por aquilo que podemos fazer, mas por aquilo que Deus decidiu fazer, usando a Sua graça e Sua misericórdia. É pela graça que somos quem devemos ser.

Neste estudo tratamos sobre:

COMO TOMAR DECISÕES NOS ASSUNTOS RELATIVOS À IGREJA

Vimos que:

- **DECISÕES ECLESIASTICAS SÓ PODEM SER TOMADAS POR PESSOAS AUTORIZADAS.**
- **DECISÕES ECLESIASTICAS SÓ PODEM SER TOMADAS COM BASE BÍBLICA.**

- **DECISÕES ECLESIASTICAS DEVEM SER TOMADOS VISANDO SEMPRE O BEM DA IGREJA.**
- **DECISÕES ECLESIASTICAS DEVEM SER COMUNICADAS À IGREJA.**
- **OS ESCOLHIDOS PARA LIDERAR NÃO SÃO INERRANTES.**

Irmãos, esse estudo revela que sempre haverá alguma decisão a ser tomada na igreja promovida por questões entre os seus membros. Somente as autoridades escolhidas pela igreja é que devem decidir e os membros devem acatá-las, mesmo porque as decisões são tomadas com base bíblica e com o objetivo de promover o bem da igreja.

Se você tem a rebeldia entranhada no teu coração aprenda a se submeter às autoridades, pois como a Bíblia ensina, resistir às autoridades é como resistir a Deus (Rm 13.1,2). Trate teu orgulho natural se submetendo àquele que é o Senhor da Igreja. Somos salvos por Sua misericórdia e por Sua graça e temos de aprender a nos submeter a Ele.